

IMPLEMENTAÇÃO E CONSOLIDAÇÃO DA REPÚBLICA: ANÁLISE DO LIVRO ESAÚ E JACÓ DE MACHADO DE ASSIS

Data de submissão: 06/09/2024

Data de aceite: 01/10/2024

Eduardo Prates Bordinhão

Discente do curso de Mestrado Acadêmico em História do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria, com bolsa CAPES/DS. Santa Maria – RS
<http://lattes.cnpq.br/5233537218695533>

RESUMO: Este artigo analisa a obra “Esaú e Jacó”, escrita por Machado de Assis e publicada pela primeira vez em 1904. A narrativa é ambientada entre 1870 e 1891 e foca na vida de uma família carioca, especialmente nos gêmeos Pedro e Paulo, que simbolizam as oposições ideológicas entre monarquismo e republicanismo. Por meio das disputas entre os irmãos, Machado de Assis ilustra as tensões políticas da época, refletindo sobre as frustrações das expectativas republicanas, que, conforme argumenta Elio Chaves Flores, mantiveram características oligárquicas semelhantes ao regime imperial. O artigo se concentra em dois temas principais: (1) a mudança de regime político da Monarquia para a República e (2) os primeiros anos e a consolidação da República. A análise incorpora as ideias de José Murilo de

Carvalho, que discute como a república brasileira, desde seu início, foi marcada por práticas políticas que não se distanciaram significativamente do passado monárquico, demonstrando a maneira como a população ficou alheia às decisões políticas. A análise conclui que a obra de Machado de Assis oferece uma reflexão acerca da limitada participação popular na república instaurada.

PALAVRAS-CHAVE: Monarquia; República; Literatura; Esaú e Jacó; Machado de Assis.

IMPLEMENTATION AND CONSOLIDATION OF THE REPUBLIC: AN ANALYSIS OF THE BOOK ESAU AND JACOB BY MACHADO DE ASSIS

ABSTRACT: This article analyzes the novel “Esau and Jacob”, written by Machado de Assis and published for the first time in 1904. The narrative is set between 1870 and 1891 and focuses on the life of a family from Rio de Janeiro, especially the twins Pedro and Paulo, who symbolize the ideological oppositions between monarchism and republicanism. Through the disputes between the brothers, Machado de Assis illustrates the political tensions of the time,

reflecting on the frustrations of republican expectations, which, as Elio Chaves Flores argues, maintained oligarchic characteristics similar to the imperial regime. The article focuses on two main themes: (1) the change of political regime from the Monarchy to the Republic and (2) the early years and consolidation of the Republic. The analysis incorporates the ideas of José Murilo de Carvalho, who discusses how the Brazilian republic, from its inception, was marked by political practices that did not significantly distance themselves from the monarchical past, demonstrating the way in which the population was alienated from political decisions. The analysis concludes that Machado de Assis' work offers a reflection on the limited popular participation in the republic that was established.

KEYWORDS: Monarchy; Republic; Literature; Esau and Jacob; Machado de Assis.

INTRODUÇÃO

Este artigo busca trazer uma análise do livro *Esaú e Jacó* escrito por Machado de Assis (1998) e publicado pela primeira vez no Brasil em 1904, dialogando com o contexto histórico no qual foi escrito, e com o contexto ao qual se refere (A transição entre o sistema político imperial e o republicano). A análise recai sobre dois temas: a mudança de regime político (da Monarquia para a República) e os primeiros anos e consolidação da República, relacionando esses dois assuntos ao livro *Bestializados* de José Murilo de Carvalho (2019) e ao artigo *A consolidação da República: rebeliões de ordem e progresso* escrito por Elio Chaves Flores (2003), presente no primeiro volume coleção *O Brasil Republicano*, organizado por Jorge Ferreira e Lucília Delgado.

SOBRE O AUTOR E A OBRA

Machado de Assis, um dos mais famosos escritores brasileiros, tem um vasto repertório de publicações: romances, crônicas e poesias. A obra *Esaú e Jacó* – que será aqui analisada – traz uma visão sobre o contexto político da transição entre Império e República. Foi seu penúltimo romance, escrito apenas dois anos antes de sua morte.

CONTEXTO HISTÓRICO

Em 1904 – ano de publicação da obra – o Brasil experimenta o jovem regime republicano instaurado na época 15 anos antes, tendo como seu quinto presidente, Rodrigues Alves. Esse contexto do início do século XX é caracterizado pelo positivismo, pela ideia de progresso, pelas tentativas de modernização urbana e pelo apreço àquilo que é considerado civilizado. Na esfera política estava em voga o coronelismo e também a política dos governadores fundada por Campos Sales.

O principal objetivo no projeto de governo de Rodrigues Alves era modernizar o Rio de Janeiro (capital do país na época), lançando uma campanha de reforma urbana e de saúde pública por meio da vacinação obrigatória, principalmente contra a varíola. A vacinação era algo novo e foi visto pela população com desconfiança, principalmente no

momento em que a ela foi estipulada como obrigatória e, para fazer valer a obrigatoriedade, as autoridades não se acanharam no momento de invadir as casas e vacinar as pessoas à força. Tal violência gerou a revolta da vacina – reivindicação da população contra os abusos sofridos por esse programa.

A economia do Brasil na passagem do século XIX para o século XX não andava bem, resultado da política do encilhamento posta em prática ainda no governo de Deodoro da Fonseca. Tal política buscava contornar o problema da falta de dinheiro para pagar os trabalhadores assalariados. Para isso emitiu mais papel-moeda. O resultado foi desastroso: desvalorização da moeda e um surto inflacionário. O café ainda era o principal produto de exportação brasileira, porém agora a extração da borracha na região amazônica também se fazia presente como uma nova fonte de renda que, no entanto, passava longe de ser suficiente para levantar a economia de sua crise.

Na esfera social, após a Revolução Federalista (1891-1896) e a Guerra de Canudos (1896-1897), o Brasil vivia uma relativa estabilidade social. O contexto ao qual Machado de Assis se refere na obra vai aproximadamente de 1870 a 1891. É um contexto de crise do segundo reinado e o surgimento de partidos republicanos como o Partido Republicano Paulista (PRP) e transição do regime monárquico para o regime republicano a partir do golpe em 1889. Essa mudança de sistema político, no entanto, conserva vários elementos do sistema político monárquico, assim como é apresentado na obra de Machado de Assis e no artigo de Elio Chaves Flores. Flores mostra que a república se consolidou de forma “oligárquica com cidadania exclusiva para os grandes proprietários, os barões do café e os coronéis, com seus vastos domínios privados.” (FLORES, 2003, p. 82). Ou seja, a república frustrou as expectativas daqueles que a viam como um sistema que privilegiaria a coisa pública em vez de privilegiar os interesses privados como era no regime imperial.

SOBRE O ENREDO E ANÁLISE

O romance retrata uma família do Rio de Janeiro entre os anos de 1870 e 1891 aproximadamente. O leitor é apresentado à personagem Natividade, mulher casada e com dois filhos gêmeos, seus filhos são idênticos fisicamente, no entanto são opostos em vários outros aspectos, sendo o mais destacado deles a política. São eles: Pedro e Paulo, este inclinado as ideias republicanas, aquele monarquista. Machado de Assis apresenta o pensamento desses dois gêmeos que passam sempre a brigar um com o outro, mostrando as discussões e as brigas físicas resultantes de suas divergências ideológicas. Nesse sentido, Machado de Assis nos permite pensar os dois irmãos como uma analogia para as disputas desses dois projetos políticos que estavam em pauta desde o fim do século XIX: Monarquia e República. A ideologia de cada um desses personagens é apresentada de forma bem clara. O trecho a seguir ilustra seus pensamentos acerca de suas expectativas em relação à política:

Paulo viu-se à testa de uma República, em que o antigo e o moderno, o futuro e o passado se mesclassem, uma Roma nova, uma Convenção Nacional, a República Francesa e os Estados Unidos da América. Pedro, à sua parte, construía a meio caminho como um palácio para a representação nacional, outro para o imperador, e via-se a si mesmo ministro e presidente do conselho. Falava, dominava o tumulto e as opiniões, arrancava um voto à Câmara dos Deputados ou então expedia um decreto de dissolução (MACHADO DE ASSIS, 1998, p.38).

Através desse trecho, temos um exemplo do que cada um desses personagens pensava ser o melhor para o país e conseqüentemente para si. O interesse romântico dos dois irmãos é o mesmo: a jovem personagem Flora. A moça não está decidida entre Pedro ou Paulo, gosta dos dois. Podemos pensá-la como uma analogia ao próprio país: O Brasil. Ao mesmo tempo em que estava sob um regime monárquico, flertava com o republicanismo, tendo sido o partido republicano paulista fundado em 1870, mesmo ano de nascimento dos irmãos. Uma sutil forma de Machado de Assis mostrar que o republicanismo começa a se fazer presente com mais força nessa década, resultando na fundação do PRP. Contudo, o republicanismo é anterior a essa data, assim como os gêmeos brigavam no ventre da mãe, ainda mesmo antes de seus nascimentos.

O GOLPE DA REPÚBLICA

O golpe republicano de 1889 é apresentado no livro sob o olhar do personagem Aires, que saiu cedo para espiaçar e passeando notou um punhado de gente que não estava agindo à toa como de costume, ouviu umas palavras soltas, “Deodoro”, “Batalhões”, “Campo”, etc. Aires viu a cena, mas não pôde saber do que se tratava. Mais tarde falaram-lhe que se havia feito uma revolução, mas não acreditou em uma queda do regime. A maneira como Machado de Assis retrata o evento é condizente com o que vemos na historiografia, foi um golpe que se deu no imprevisto – imprevisto no sentido de ser naquele dia e naquele momento, mas já há muito se pensava em derrubar o regime, o personagem Paulo é um exemplo disso. Teria a população assistido atônita a proclamação da república como o contemporâneo da época Aristides Lobo nos fala? José Murilo de Carvalho (2005, p. 160) propõe que sua reação foi bilontra: o povo sabia que não havia caminhos de participação:

O povo sabia que o formal não era sério. Não havia caminhos de participação, a República não era para valer. Nessa perspectiva, o bestializado era quem levasse a política a sério, era o que se prestasse à manipulação. Num sentido talvez ainda mais profundo do que o dos anarquistas, a política era tribofe. Quem apenas assistia, como fazia o povo do Rio por ocasião das grandes transformações realizadas a sua revelia, estava longe de ser bestializado. Era bilontra (CARVALHO, 1987, p. 160).

Essa atitude bilontra da qual se refere Carvalho difere das interpretações que colocam o povo como bestializado e incapaz de reagir. Sua reação foi passiva por que assim viram que era o caminho possível, sabendo das limitações relacionadas à participação popular

desse novo regime.

A CONSOLIDAÇÃO DA REPÚBLICA

A república teve um começo conturbado, cheio de instabilidade política, social e econômica. Sua consolidação se deu de forma oligárquica, com mínimo de participação eleitoral e com exclusão do envolvimento popular no governo, “consolidou-se sobre a vitória da ideologia liberal, pré-democrática, darwinista, reforçadora do poder oligárquico” (CARVALHO, 1987, p. 161). O povo aparecia como espectador ou figurante e a cidadania apresentava-se exclusiva para os grandes proprietários, os barões do café e os coronéis, com seus vastos domínios privados (FLORES, 2003, p.82).

Machado de Assis ilustra a maneira como a República não colocou a coisa pública acima dos interesses privados. Referindo-se a Pedro e Paulo, o autor expõe: “A boa moral pede que ponhamos a coisa pública acima das pessoas, mas os moços nisto se parecem com velhos e varões de outra idade, que muita vez pensam mais em si que em todos” (MACHADO DE ASSIS, 1998, p.192-193). Nesse trecho percebemos como ambos, o monarquista e o republicano, preocupam-se mais consigo mesmos, parecendo velhos varões, ou seja, muda-se o sistema político, mas não se muda os velhos costumes oligárquicos.

A personagem Flora, indecisa sobre com quem deveria casar-se, adoece e morre, sua morte coincide com o estado de sítio outorgado pelo presidente da época Floriano Peixoto, o estado de sítio só demonstra mais uma vez o poder exercido pelo governo que se assemelhava muito ao regime anterior, não bastava a renúncia de Deodoro da Fonseca que presidia a república de um modo muito autoritário, Floriano Peixoto também presidiu com mão de ferro, tendo características que não eram esperadas em uma república. Isso é ilustrado quando Paulo começa a fazer oposição ao governo, vendo-o como deturpado, uma continuidade das práticas antigas que não condiziam com uma república. E Pedro acabava aceitando o regime republicano, sua aceitação não foi rápida nem total, mas dava para perceber que não havia um abismo entre ele e o novo regime. Ambos irmãos entraram para a política e foram eleitos deputados, isso, no entanto, não pôs fim em suas divergências ideológicas.

CONCLUSÃO

O romance escrito por Machado de Assis ilustra muito bem as questões políticas referentes à passagem da monarquia a república, o escritor viveu esse momento de transição. Vimos, através das análises feitas por José Murilo de Carvalho e Elio Chaves Flores, que a república desde seu início foi muito parecida com o regime que o precedeu, frustrando vários adeptos às ideias republicanas, algo explorado por Machado de Assis.

Machado de Assis publicou a obra em 1904, um período no qual a república já estava consolidada com as características oligárquicas de pouca participação popular. A partir da reflexão percebemos que independente do regime em voga, a participação popular ficou de lado.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados**: o Rio de Janeiro e a república que não foi. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

FLORES, Elio Chaves. A consolidação da República: rebeliões de ordem e progresso. In. FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de A, N. (orgs.). **O Brasil Republicano**. Livro 1. O tempo do liberalismo excludente. Da Proclamação da República à Revolução de 1930. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 45-88.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Esaú e Jacó**. Porto Alegre: L&PM, 1998.